

A barbárie que a todos afecta

12 de Setembro de 2001

Álvaro Vasconcelos

Os ataques terroristas contra Nova Iorque e Washington são o último hediondo marco no processo de emergência do nacionalismo e da barbárie que caracteriza a segurança internacional no pós-guerra fria, de transformação dos civis em vítimas privilegiadas das acções de guerra e de terror. É, em tudo, um acto semelhante aos que afectaram já muitas centenas de milhares de vidas nos Balcãs, na Argélia e em muitas regiões da Ásia, como em Timor. Se os perpetradores de actos de terror são por vezes difíceis de identificar, a ideologia que os anima é conhecida: os seus componentes são o ódio, o extremismo identitário, religioso e étnico, o desrespeito absoluto pelos direitos da pessoa humana, a recusa de que existem limites à utilização da força, e a consequente violência total contra os civis. Um dos elementos do ressurgimento do nacionalismo extremo é o anti-americanismo primário.

Os acontecimentos dos últimos meses na Palestina, a utilização da força sem regra nem limites éticos ou políticos por Sharon e pelos islamistas radicais, não podem ter deixado de contribuir para a cultura de violência total que se desenvolve, e de alimentar também o antiamericanismo.

O isolacionismo pós-Clinton, o "lavar daí as mãos", não é solução para a resolução dos problemas de segurança que hoje se colocam e que, como se sabe desde a Bósnia, são essencialmente de natureza interna, embora tenham muitas vezes uma componente externa. O mundo está sem defesas perante o atentismo americano, a fragilidade da União Europeia no domínio da defesa e segurança, e a impotência das Nações Unidas, fragilizadas pelo unilateralismo de Bush. Nova Iorque e Washington são o Pearl Harbour da nova situação internacional. Mostram que, ao contrário do que pensava a administração Bush, os Estados Unidos não podem isolar-se dos graves problemas que enfrentam as diferentes regiões do mundo. Os horrores das Bósniás deste mundo não afectam apenas os outros. Numa outra megadimensão, o que aconteceu em Nova Iorque e Washington tem paralelo e precedente nos ataques terroristas contra prédios de habitação em Moscovo, ou no sinistro ataque de Oklahoma.

A resposta à tragédia não pode ser mais unilateralismo, mais isolacionismo, mas sim a consciência de que o nacionalismo e a barbárie identitária, onde quer que se alojem, são uma ameaça para todos, uma ameaça que só pode ser prevenida ou contrariada através de respostas globais.

Pode ser que a primeira reacção americana seja um ataque fulminante contra um alvo externo determinado, embora a identificação de um inimigo preciso deva ser extremamente difícil, dada a característica fragmentária da acção terrorista. E uma tal retaliação não resolverá certamente o problema. Espera-se que, ainda assim, num segundo momento, os Estados Unidos, em parceria com a União Europeia, ocupem de novo o seu lugar como actores fundamentais na resolução dos problemas internacionais e na definição de uma nova ordem multilateral - começando pela questão do Médio Oriente, que como se sabe há muito tempo é o paiol do mundo. A paz, como ainda hoje afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, Celso Lafer, "é uma esquiua

conquista da razão política".